

A UTILIZAÇÃO DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS EM TEXTOS PRODUZIDOS POR ESTUDANTES INGRESSANTES NO ENSINO TÉCNICO INTEGRADO

THE USE OF ARGUMENTATIVE OPERATORS IN TEXTS PRODUCED BY INCOMING STUDENTS IN INTEGRATED TECHNICAL EDUCATION

Luiz Antônio Ribeiro¹
Doutor em Letras e Linguística
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas
(luiz.antonio.ribeiro32@gmail.com)

Marcelo Freitas Souza²
Graduando em Engenharia Civil
Universidade Federal de Viçosa - UFV
(omarcelofreitas1@gmail.com)

RESUMO: O presente artigo aborda o modo de organização do discurso argumentativo, bem como o uso e frequência de operadores argumentativos em produções textuais de alunos recém-ingressos no ensino técnico integrado, tendo como aporte teórico as contribuições da análise do discurso e da gramática funcional. Foram consideradas as perguntas-chave: que operadores argumentativos se evidenciam nas produções textuais dos alunos ingressantes no ensino técnico integrado e qual a sua relação com a força argumentativa dos enunciados? O objetivo geral consistiu em analisar operadores argumentativos que sinalizam relações semânticas de explicação-causa, oposição, conclusão e adição. O *corpus* analisado foi constituído de 40 (quarenta) textos argumentativos produzidos no ambiente de escrita colaborativa *Google Drive* por alunos do primeiro ano dos cursos integrados de uma escola da rede federal de ensino. Primeiramente, desenvolveu-se um quadro teórico sobre a organização do discurso argumentativo e o uso dos operadores argumentativos, com base nas contribuições de Charaudeau (2014), Neves (2000, 2001) e Koch (2014). Em seguida, passou-se ao levantamento desses operadores nos textos dos alunos e à análise de seu uso e força argumentativa. Os resultados sinalizam maior uso de operadores recorrentes na oralidade e emprego inadequado dos mesmos, o que fragiliza a força argumentativa dos enunciados. Este estudo oportuniza que professores e alunos reorientem, respectivamente, sua prática e seus estudos para maior desenvolvimento da competência argumentativa escrita.

Palavras-chave: Discurso. Argumentação. Operadores argumentativos.

ABSTRACT: The present article deals with the organization of argumentative discourse as well as the use and frequency of argumentative operators in the textual productions of students recently admitted to integrated technical education, based on the theoretical contribution of discourse analysis and functional grammar. The following key question was considered: what argumentative operators are evidenced in the textual productions of the students admitted to integrated technical education and what is their relation with the argumentative force of the statements? The general objective was to analyze the argumentative operators that signal semantic relations of explanation-cause, opposition, conclusion, and addition. The *corpus* consisted of 40 (forty) argumentative texts produced on the *Google Drive* collaborative writing environment by first-year students of the integrated courses of a federal school system. Firstly,

¹ ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8912-9764>.

² ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7530-504X>.

a theoretical framework was developed concerning the organization of argumentative discourse and the use of argumentative operators based on the contributions of Charaudeau (2014), Neves (2000, 2001), and Koch (2014). Then, a survey of these operators was carried out in the texts of the students, followed by the analysis of their use and argumentative force. The results indicate a greater use of operators recurrent in orality and their inappropriate use, which weakens the argumentative force of the statements. This study allows teachers and students to reorient their practice and their studies, respectively, for further development of written argumentative competence.

Keywords: Discourse. Argumentation. Argumentative operators.

Linguagem e argumentação

O aporte teórico compreendido nesta pesquisa considera principalmente os elementos da análise do discurso francesa, conforme Charaudeau (2014) e uma abordagem funcionalista da língua, tal como nos apresenta Dik (1989) e Neves (1997, 2000, 2001). Inicialmente, compreendemos com Dik (1989), que o principal objetivo de uma investigação funcionalista reside em observar e explicar o funcionamento linguístico, ou seja, como os usuários de uma língua interagem entre si e se fazem compreender. No ato da comunicação, um locutor formula suas intenções e codifica as expressões linguísticas, de tal modo a favorecer a interpretação dos enunciados por parte do seu interlocutor.

O que está implicado no modelo proposto pela abordagem funcionalista

[...] é uma integração de sintaxe e semântica, dentro de uma teoria pragmática, o que envolve intervenção:

- dos papéis envolvidos nos estados de coisas designados pelas predicções (funções semânticas);
- da perspectiva selecionada para apresentação dos estados de coisas na expressão linguística (funções sintáticas);
- do estatuto informacional dos constituintes dentro do contexto comunicativo em que eles ocorrem (funções pragmáticas) (NEVES, 1997, p. 15).

Na Gramática Funcional, as expressões linguísticas atuam como mediadoras – mas não estabelecedoras – da interação entre os usuários. Elas compreendem um conjunto de elementos constitutivos da interação verbal, entre os quais podemos destacar o contexto da situação comunicativa, o conhecimento sociocultural e os valores compartilhados entre os sujeitos do discurso e as intenções a serem alcançadas.

Ducrot (1977) destaca que a argumentação está inscrita na própria língua, o que significa dizer que todo texto é essencialmente argumentativo. Todo ato de linguagem é interativo e marcado por uma ação intencional, o que garante a argumentatividade da/na língua. Nessa perspectiva, a seleção e o uso de componentes lexicais e gramaticais constituem estratégias argumentativas e deixam evidenciar no discurso os índices de (inter) subjetividade que caracterizam o locutor e seu alocutário.

A argumentação é própria do ser humano. Todos nós, quando interagimos com o outro, temos o objetivo de persuadir. A vida em sociedade exige do indivíduo não só a capacidade de se comunicar, como também a faculdade de exercer influência sobre outrem. Nessa perspectiva, pode-se entender argumentação como a atividade própria do ser humano, que visa convencer um indivíduo ou grupo acerca de uma tese.

Conforme ressalta Charaudeau (2014), para que haja argumentação, são necessários três elementos indispensáveis: uma proposta sobre o mundo, um sujeito argumentador e outro sujeito que se constitua alvo da argumentação. O sujeito argumentador tenta persuadir o outro quanto ao seu posicionamento e, para isso, ele usa de diferentes estratégias, como provas, argumentos e valores. O sujeito alvo, por sua vez, poderá aceitar os argumentos ou ainda questionar e tomar a posição de argumentador. A proposta sobre o mundo configura-se como uma verdade inicial sujeita a dúvidas, que deverá ser importante para um dos sujeitos. Nesse processo dialógico, à medida que há um debate, uma discordância, pode haver troca de posições de sujeitos, que se alternam na posição de argumentador e alvo da argumentação.

Emediato (2004) afirma que nem sempre o sujeito que argumenta terá compromisso com o mais verdadeiro, mas sim com a sua intenção de obter influência. A partir desse entendimento, pode-se dividir a argumentação em dois grandes grupos: demonstrativa e retórica. A argumentação demonstrativa é constituída de fatos e de verdades de premissas que dão base para se chegar a uma resposta derivada. Esse tipo de argumentação está presente em artigos científicos, textos técnicos, didáticos, entre outros. A argumentação retórica, por seu turno, pauta-se nos valores, adesões e imaginários das pessoas. Nela o conceito de verdade nem sempre é o mais relevante, pois o que importa é a verossimilhança dos fatos. Esse tipo de

argumentação é recorrente em gêneros como artigos de opinião, editoriais e sentenças de condenação.

Para Charaudeau (2014), por mais fiel que seja a argumentação do sujeito, em todas as duas correntes da argumentação, veem-se filtragens: uma da experiência social do indivíduo e outra das operações do pensamento. A primeira diz respeito ao tempo e ao espaço em que o indivíduo está inserido. Como um ser social, ele irá partilhar os valores e imaginário de sua sociedade, seja na política, religião, ética, etc. Por exemplo, em um tribunal em que julgam um menor infrator, é possível que seja bem diferente a opinião de um advogado que nasceu em um bairro rico e a de outro que viveu toda sua vida na periferia. A outra filtragem diz respeito às operações de pensamento que constroem as explicações, isto é, cada indivíduo interpreta um fato de alguma forma diferente e tira as suas conclusões, de modo a haver distorção do conteúdo. Um exemplo disso é quando se pede testemunho de várias pessoas sobre um episódio, e cada uma delas apresenta o episódio de forma diferente.

Charaudeau (2014) observa que a argumentação tem uma lógica interior e um princípio de não contradição. Para que um argumento seja válido, é preciso que não contradiga algo já dito pelo sujeito argumentador e seja um argumento lógico, plausível, aceitável, que fundamente a tese ou proposição. A lógica argumentativa considera três elementos de base que fazem parte de toda relação argumentativa: uma asserção de partida, que convocará uma ou várias asserções de passagem; estas, por sua vez, provam a asserção de partida; e, por fim, uma asserção de chegada, que representa a conclusão da relação argumentativa.

Para esse analista do discurso, toda relação argumentativa é constituída por uma relação de causalidade, que é uma correspondência entre a asserção de passagem e de chegada. Várias relações podem tomar um sentido de causalidade e constituir, assim, uma relação argumentativa; contudo é preciso que tenham uma lógica e estejam em um dispositivo argumentativo. Ademais, a argumentação não decorre somente de duas asserções ligadas por conectores lógicos, até porque o caráter argumentativo na maioria das vezes está implícito. Assim, os conectivos representariam somente a argumentação explícita. Conforme afirma Charaudeau (2014, p. 221), “toda asserção pode ser argumentativa *desde que se inscreva num dispositivo argumentativo*” (itálico do autor).

O dispositivo argumentativo é composto de três pilares: proposta, proposição e persuasão. A proposta abrange o que frequentemente chamamos de tese, é uma afirmação inicial que deve ser importante para alguém a fim de que ocorra a argumentação. A proposição é basicamente o posicionamento assumido pelo sujeito, que analisa a proposta e, a partir dela, pode querer ficar a favor, contra ou não emitir posicionamento. A persuasão corresponde à justificativa para o seu posicionamento: se ele se manifestou a favor da argumentação, deverá justificar o porquê; se se posicionou contra, deverá refutar a proposta; e, se não se posicionar, ele ponderará os prós e os contras. É importante frisar que o posicionamento pode ser parcial ou total.

Charaudeau (2014) observa que a argumentação pode ser classificada quanto à situação de comunicação, sendo dividida em argumentação monologal e dialogal. Na primeira, o sujeito que emite a argumentação e o que a recebe não estão presentes fisicamente ou se apresentam por meio de um canal interativo, como um computador com *webcam*. Assim, o sujeito argumentador terá que desenvolver a proposta, a proposição e a justificativa tendo em vista o indivíduo receptor ou público alvo. É esse tipo de argumentação que encontramos em artigos de opinião, editoriais, redações de vestibulares. Na situação dialogal, por sua vez, os dois sujeitos estão presentes, seja fisicamente, seja por um meio que permita uma maior interação que em situação monologal. Sendo assim, a proposta, a proposição e a persuasão desenvolvem-se durante o diálogo, que pode ter interrupções, esclarecimento de dúvidas, etc. Esse segundo tipo de argumentação é encontrado em debates políticos e seminários, por exemplo.

O referido autor ainda confirma que se pode classificar a situação quanto ao contrato de comunicação. A argumentação pode ser explícita, quando se pode observar com facilidade a proposta, a proposição e a persuasão; ou pode ser implícita, quando ocorrerá um maior esforço para reconhecer essas estruturas. Podemos ver a argumentação explícita em editoriais e artigos científicos, por exemplo, tendo em vista a clareza das informações requeridas; enquanto observamos a argumentação implícita em anúncios publicitários, slogans e folhetos. Como visto, dependerá do veículo em que a argumentação circulará.

O uso dos operadores argumentativos

Conforme explica Charaudeau (2014), o modo como a asserção de partida estará relacionado à asserção de chegada será determinado pela conexão entre as orações, que terão uma relação de causalidade. Os operadores argumentativos são os responsáveis pelo direcionamento argumentativo dos enunciados. São de suma importância, nessa perspectiva, as contribuições de Koch (2014), segundo a qual as relações lógico-semânticas entre orações que compõem um enunciado são estabelecidas por meio de conectores ou juntores de tipo lógico.

Emediato (2004) corrobora com o tema e enfatiza a importância das conjunções na construção da argumentação. Para ele, os elementos gramaticais devem ser compreendidos como um índice de atitude argumentativa, pois são eles que direcionarão a argumentação. As operações passam a ser de natureza lógico-semântica. São lógicas, porque advêm de todo um raciocínio por parte do sujeito argumentador; e têm caráter semântico, pois sinalizam sentidos entre as duas orações conectadas. Somado a isso, a presença da conjunção/operador argumentativo permite especificar um sentido mais exato da argumentação; já sem o conectivo a relação semântica ficaria implícita, exigindo do interlocutor a inferência da intenção argumentativa durante a leitura.

Como consequência, o sentido da argumentação poderia ser modificado alterando-se apenas as conjunções. Nas assertivas: (a) Ele é muito trabalhador, (b) ele precisa de dinheiro, se colocássemos um operador de causa-explicação, ficaria: Ele é muito trabalhador, pois precisa de dinheiro. No entanto, se usássemos um operador de tempo, ficaria: Ele é um ótimo trabalhador, quando precisa de dinheiro. Dessa forma, o operador confere um direcionamento argumentativo diferenciado nos dois enunciados. Embora as asserções sejam as mesmas, o sentido se diferencia, evidenciando o peso argumentativo dos operadores argumentativos.

Assim sendo, os operadores argumentativos são recursos imprescindíveis para a argumentação, uma vez que eles apontam para a orientação e o posicionamento argumentativo do sujeito, o que nos dá pistas para o tipo de argumento a ser defendido e o percurso argumentativo pretendido. Além disso, são de suma importância para a coesão textual, à medida que interliga os vários argumentos em um texto, e para a coerência textual, à proporção que traz à tona as

relações de sentido evidenciadas entre os argumentos, contribuindo para a compreensão dos mesmos. É importante destacar que, na modalidade de argumentação monologal, em que os dois sujeitos participantes da argumentação não estão presentes fisicamente, o uso dos operadores discursivos conferirá maior eficiência na clareza do entendimento dos argumentos, assim como nas relações semânticas entre os enunciados.

Para melhor compreensão desse assunto, baseando-nos nos ensinamentos de Neves (2000), Koch (2014), Charaudeau (2014) e Emediato (2004), destacamos, no quadro a seguir, exemplos de operadores argumentativos, bem como os valores semânticos que eles veiculam. Ressaltamos, contudo, que eles não esgotam o assunto, dado o dinamismo e a complexidade das ações languageiras.

Quadro 1: Classificação dos operadores argumentativos

Valor Semântico	Designação dos Operadores	Principais Operadores	Exemplo
Adição (conjunção)	Ligam enunciados cujos argumentos apontam para uma mesma conclusão.	E, nem, não só, além disso, somado a isso, ademais	O aluno irresponsável não estudou nem fez o dever de casa
Alternância (disjunção argumentativa)	Ligam enunciados distintos, que buscam mudar a opinião para o que está em primeira instância seja aceito.	Ou, ora, caso contrário, já, quer	Todo roubo é crime. Ou não foi roubo quando o político desviou verba da educação para a sua conta na Suíça?
Oposição (contrajunção)	Ligam enunciados com orientações argumentativas diferentes.	Mas, porém, contudo, embora	Embora fosse muito difícil, o jovem venceu o sistema e conseguiu formar-se em Letras.
Explicação ou justificação	Introduzem enunciados que explicam/justificam o enunciado anterior, de forma a mostrar sua razão/motivação.	Pois (anteposto ao verbo), porque, que	A Escrita Colaborativa é uma ótima forma de trabalhar a argumentação, pois os alunos estão imersos em uma situação em que deverão justificar os comentários feitos acerca do texto do colega.
Comprovação	Inserem um enunciado que busca comprovar o que foi	Que, tanto que	Vi sua mãe ontem no supermercado, tanto que ela estava usando um vestido azul.

	dito no enunciado anterior.		
Conclusão	Introduzem um enunciado de valor conclusivo em relação a um ou mais enunciados.	Por conseguinte, destarte, logo, por isso	Os ônibus entraram em greve. Dessa forma, não fui o culpado pelo atraso.
Comparação	Comparam dois enunciados, podendo ser por semelhança ou dessemelhança	que nem, como, assim como	Assim como o Romantismo, a segunda geração Modernista prezou pelo regionalismo.
Exemplificação	Introduzem enunciado que exemplifica algo dito anteriormente.	Como, por exemplo	Nos países subdesenvolvidos, como o Haiti e Nicarágua, falta Saneamento Básico.
Redefinição	Conectam enunciado que redefine algo já dito.	Ou melhor, isto é, ou seja	Tentarei estudar mais esse ano. Ou melhor, vou me esforçar mais do que estou acostumado.

Fonte: Dados dos autores

Destacamos que esse quadro não esgota a descrição dos usos, tampouco os operadores discursivos e argumentativos usados no dia a dia dos falantes da língua portuguesa. Ressaltamos também que os valores semânticos apresentados não são imanentes. Mais uma vez, reforçamos, com Neves (2001, p. 17) que, no que respeita à Linguística Funcional e à gramática de usos, o objeto de análise são as frases efetivamente realizadas, cuja interpretação só será garantida dentro de um determinado contexto comunicativo. Os enunciados realizados nos permitirão encontrar as regularidades essenciais para uma possibilidade de organização e descrição linguística.

Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa buscou analisar o uso, assim como a frequência de operadores argumentativos presentes em textos argumentativos produzidos por alunos do primeiro ano do ensino integrado em um ambiente de escrita colaborativa, o *Google Drive*. Tal estudo partiu de um objetivo maior, que era investigar os conhecimentos prévios dos alunos ingressantes no primeiro ano relativamente à produção de textos argumentativos. A pergunta-chave que norteia tal pesquisa é: Quais os operadores

argumentativos aparecem com maior frequência nas produções textuais dos alunos e qual a sua relação com a força argumentativa dos enunciados? Para tanto, valeu-se do aporte teórico de pesquisadores da análise do discurso, da gramática funcional e da teoria do texto, tais como: Charaudeau (2014), Neves (2000, 2001) e Koch (2014).

Nosso objetivo geral foi catalogar os diferentes operadores argumentativos materializados na superfície dos textos produzidos, que sinalizam relações semânticas de explicação-causa, conclusão, adição e oposição, de modo a verificar a pertinência de seu uso e de sua carga argumentativa. Como objetivos específicos, buscamos monitorar o uso dos operadores argumentativos na produção textual de alunos; e avaliar se o uso de tal recurso possibilita melhor organização da argumentação. O *corpus* analisado constituiu-se de quarenta textos argumentativos em processo de edição produzidos no ambiente de escrita colaborativa *Google Drive* por alunos do primeiro ano do curso integrado de uma escola da rede federal de ensino. Partimos da hipótese de que os alunos usam com maior frequência os operadores argumentativos comuns na oralidade e têm dificuldade de aplicá-los devidamente na argumentação escrita.

A escolha do *Google Drive* se deveu ao fato de este ser um pacote composto por quatro aplicativos principais – editor de textos, editor de planilhas, editor de apresentações e editor de formulários – os quais possibilitam aos usuários criar e editar textos online de forma colaborativa e partilhada. Como ferramenta pedagógica, o *Google Drive* potencializa o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que oportuniza aos interagentes a participação ativa nos processos de produção de texto desde a sua gênese até a edição final. Nesse contexto, cumpre ao professor atuar como mediador na construção do conhecimento, bem como no desenvolvimento de habilidades e estratégias para uma interação em um contexto social.

Esta pesquisa possui caráter quantitativo e qualitativo, com enfoque dedutivo para análise dos dados. Ela se justifica, uma vez que é de suma importância que os alunos conheçam e usem com propriedade os operadores argumentativos, considerando-se que esse recurso exerce forte peso nos enunciados, bem como no direcionamento dos argumentos utilizados. Este estudo possibilita aos alunos e professores identificar o nível médio de conhecimento sobre o assunto e desenvolver práticas pedagógicas com vistas ao desenvolvimento de competências relacionadas à argumentação e ao devido uso dos operadores argumentativos.

Tal tarefa foi realizada a partir da implementação de uma sequência didática, constituída de 10 (dez) horas/aula, em que os alunos tiveram contato com diferentes materiais motivadores, a saber: o ensaio “Direito à literatura”, de Antonio Candido; o Samba Enredo da escola de samba Beija-Flor “Ratos e Urubus, larguem minha fantasia”; o poema “O Bicho”, de Manuel Bandeira; e o documentário “Lixo Extraordinário”, de Vik Muniz. Tais materiais serviram como referencial para a produção de um texto dissertativo-argumentativo sobre o seguinte tema: “A arte como instrumento de denúncia, humanização e transformação social”. Os alunos deveriam observar as seguintes condições de produção textual, expressa na proposta de trabalho apresentada:

Quadro 2: Condições de produção textual

Seu texto deverá atender os seguintes requisitos:

- a) tenha, como material básico, o documentário ao qual assistimos em sala de aula e os textos lidos, acrescidos de outros pesquisados por você;
- b) configure-se como matéria publicável em jornal de grande circulação, capaz de provocar o interesse dos leitores que representam o seu público-alvo;
- c) posicione-se como um _____ (cada aluno ficará responsável por desenvolver um posicionamento específico, conforme orientação do professor):

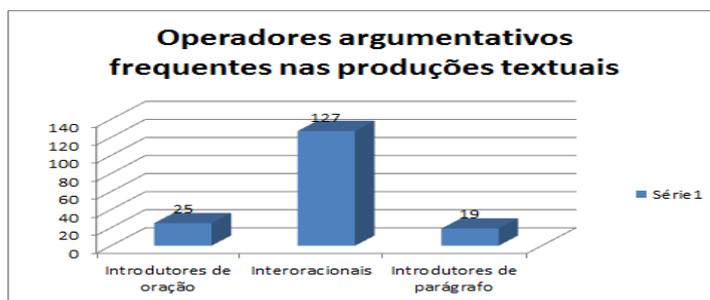
- 1 – aluno do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública, que está fazendo uma análise do filme;
- 2 – político, interessado pelos problemas de sua comunidade;
- 3 – jornalista, que está escrevendo uma matéria sobre o filme;
- 4 – cidadão comum, que acabou de assistir ao filme em um cinema de sua cidade e resolveu publicar uma análise do mesmo em um blog.

Fonte: Dados dos autores

Apresentação dos dados

As produções escritas realizadas possibilitaram a catalogação de diferentes dados relativos ao uso dos operadores argumentativos. É relevante destacar que a forma como os operadores discursivos aparecem nos textos não é isonômica, mas sim bastante diversa, em conformidade com o uso da língua nas diferentes práticas de comunicação social. Os gráficos a seguir explicitam o uso de tais operadores nas produções escritas dos alunos:

I - Tipos de conexão estabelecida pelos operadores argumentativos

Gráfico 1: Operadores argumentativos frequentes nas produções textuais

Fonte: Dados dos autores

A pesquisa evidenciou que os operadores mais frequentes nas produções textuais dos alunos são os interoracionais, isto é, aqueles que ligam enunciados no meio do período. Essa taxonomia teve um saldo de cento e vinte e sete manifestações. Em seguida, com vinte e cinco aparições, temos os operadores argumentativos introdutores de orações, ou seja, aqueles que ligam enunciados separados por ponto final em um mesmo parágrafo. Por fim, com menor saldo, de apenas dezenove manifestações, os operadores introdutores de parágrafo, ou melhor, aqueles que ligam enunciados em parágrafos distintos são os com menor frequência nos textos dos alunos. É relevante destacar que a forma como os operadores discursivos aparece nos textos não é isonômica, mas sim bastante diversa, em conformidade com o uso da língua nas diferentes práticas de comunicação social.

II - Frequência das relações semânticas analisadas

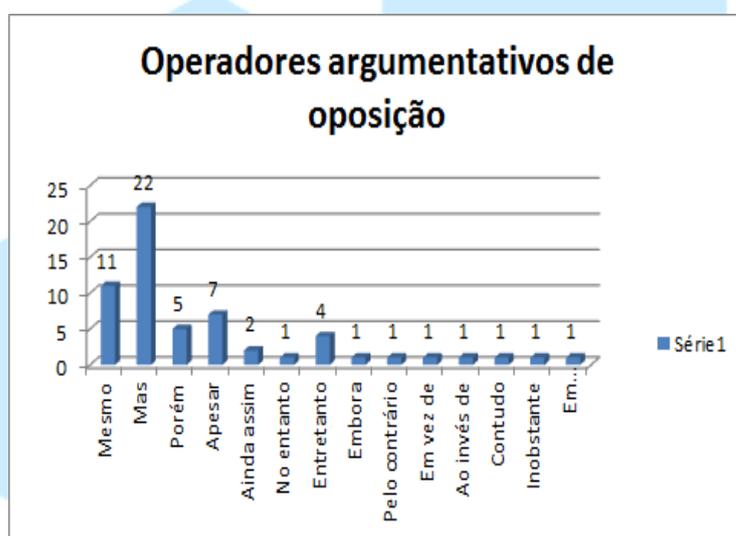
Gráfico 2: Frequência das relações semânticas analisadas

Fonte: Dados dos autores

Nesse gráfico, o grupo de operadores argumentativos mais presentes é o de adição, com setenta e duas aparições. Com pouca variação, em segundo lugar, temos os operadores argumentativos de oposição, com sessenta aparições. Em terceiro lugar e com uma quantidade de aparições bem reduzido, têm-se os operadores argumentativos de causa-explicação, com apenas vinte e três manifestações. Por fim, no último lugar, com apenas dezesseis manifestações, os operadores argumentativos de conclusão são os menos frequentes.

III - Operadores argumentativos de oposição

Gráfico 3: Principais operadores argumentativos de oposição



Fonte: Dados dos autores

Esse gráfico relaciona os operadores argumentativos mais frequentes nos textos produzidos, que sinalizam relação semântica de oposição. O operador discursivo “mas”, com vinte e duas aparições, detém o primeiro lugar, seguido do “mesmo”, com metade do anterior, onze aparições. Os operadores mais frequentes são aqueles presentes nas manifestações orais cotidianas. Em contraponto, operadores mais restritos a situações formais de uso da língua, tais como “contudo”, “inobstante”, “no entanto” e “embora”, apresentam apenas uma manifestação cada.

IV - Operadores argumentativos de adição

Gráfico 4: Principais operadores argumentativos de adição

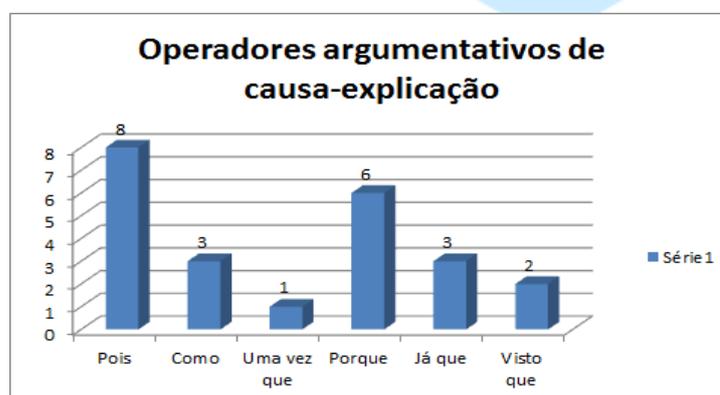


Fonte: Dados dos autores

Nos operadores de adição, percebe-se novamente que os operadores que se destacam são aqueles majoritariamente utilizados em situações do cotidiano. Além disso, percebemos um salto qualitativo mais significativo que os outros operadores. O operador de destaque é o “e”, com trinta e oito manifestações, seguido do “também”, com dez manifestações. Esses são operadores de adição usados por excelência e estão mais próximos das situações rotineiras de fala, ao passo que os demais são menos frequentes nas práticas languageiras cotidianas.

V - Operadores argumentativos de causa-explicação

Gráfico 5: Principais operadores argumentativos de causa-explicação



Fonte: Dados dos autores

Nos operadores de causa-explicação, observamos um salto qualitativo também considerável. O operador argumentativo que mais aparece é o “pois”, com oito presenças, seguido do “porque”, com seis aparições. Estes são os operadores mais usados para expressar relações de causa-explicação. Os operadores que menos aparecem são o “uma vez que”, com apenas um registro, seguido do “já que”, com três. Novamente, os resultados confirmam que os operadores recorrentes na fala são os mais frequentes nos textos dos alunos.

VI - Operadores argumentativos de conclusão

Gráfico 6: Principais operadores argumentativos de conclusão

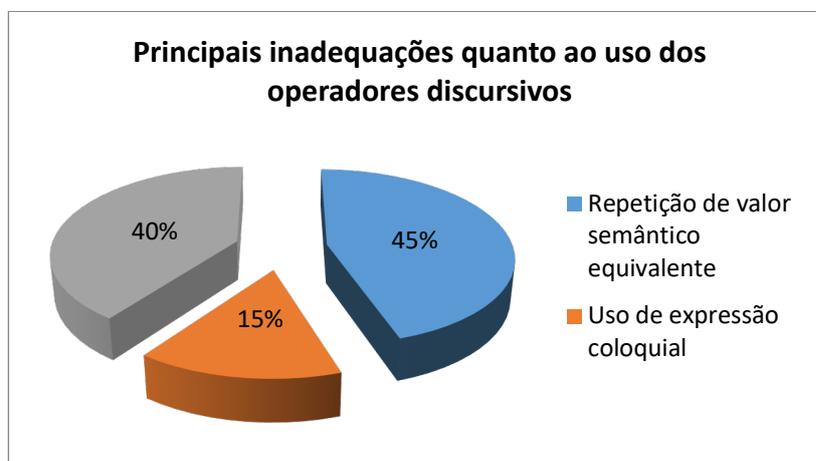


Fonte: Dados dos autores

Neste último gráfico, nota-se uma redução ainda maior do uso dos operadores argumentativos, que apresentam apenas 16 (dezesesseis) inserções e que foram utilizados no último parágrafo do texto, normalmente utilizado para conclusão, segundo a tipologia textual. Agora, em primeiro lugar, divide-se a posição os operadores “enfim” e “assim”, com três aparições, enquanto os operadores “concluimos”, “como visto” e “conclui-se” aparecem somente uma vez. Esse último gráfico, em partes, foge de uma regra geral, tanto por apresentar menos operadores que os outros, quanto por alguns operadores que são mais frequentes nas manifestações orais, como o “então”, aparecer apenas uma vez.

VII - Principais usos inadequados quanto ao manejo dos operadores argumentativos

Gráfico 7: Principais inadequações quanto ao emprego dos operadores argumentativos



Fonte: Dados dos autores

Pelo gráfico acima, observamos que 45 (quarenta e cinco) por cento das inadequações se relacionam à repetição de operadores com valor semântico equivalente, o que evidencia um pleonismo. Em segundo lugar, com quarenta por cento dos casos, o uso incorreto do operador discursivo também é recorrente. Em muitas situações, os alunos empregam o operador com valor semântico inadequado ao enunciado, o que compromete a sua força argumentativa. Por fim, com quinze por cento de aparição, registra-se o uso de expressões típicas do uso oral, inadequadas à situação de comunicação escrita.

Discussão dos dados

Uma vez abordados os operadores argumentativos mais frequentes nas produções textuais dos alunos, partimos agora para uma análise qualitativa do uso desses recursos linguísticos e discursivos nos textos dos alunos. A fim de manter a privacidade dos alunos, seus nomes foram indicados somente pelas iniciais.

Conforme observamos, embora as gramáticas apresentem, para cada categoria semântica, um número expressivo de conjunções que, no discurso funcionam como operadores argumentativos, os alunos normalmente fazem uso daqueles que constituem o seu repertório linguístico em suas práticas de comunicação oral. Além disso, eles apresentam expressiva dificuldade em fazer uso dos mesmos, principalmente no que respeita ao valor semântico que tais operadores veiculam. A

seguir, buscaremos exemplificar como se dá a articulação desses recursos e sua natureza da oralidade, com trechos retirados dos textos produzidos por eles em atendimento à proposta de trabalho.

Uma fragilidade quanto ao emprego dos operadores argumentativos na produção escrita reside na repetição, no mesmo enunciado, de operadores de valor semântico equivalente, aspecto bastante recorrente nas práticas languageiras orais. O exemplo elucida essa questão:

Voltando à questão do documentário, como dito anteriormente, ele alerta o público no quesito: as condições precárias das vidas das pessoas que trabalham em um lixão. **E além disso**, é possível identificar **também** outras obras que retratam, mesmo que um pouco, essa realidade (AMP - grifo nosso).

O aluno faz uso de três operadores com valor semântico idêntico. O sentido para o qual a argumentação é encaminhada não é prejudicado aqui, mas a repetição não é recomendada em uma situação formal de comunicação escrita. É lícito salientar que, além da coerência entre os enunciados, a imagem do sujeito argumentador também está sendo avaliada nessa atividade comunicativa, de maneira que a adequação ao ambiente de interação também é um índice para a aceitabilidade do sujeito argumentador.

Em outro texto, percebemos mais uma vez a repetição do valor semântico do operador.

Concluimos então que esses três conceitos, arte como instrumento de denúncia, humanização e transformação social não trabalham isolados, pelo contrário, eles se relacionam, pois para que eu veja algo como denúncia eu tenho que refletir sobre o assunto, levantar questionamentos e buscar a melhor saída para todos (humanização), **e também** preciso me posicionar para poder ser ouvida e conquistar a mudança (transformação social) (IKSA - grifo nosso).

O aluno também incorre na repetição desnecessária de dois operadores para concluir seu texto – “concluimos” e “então” – e na repetição de dois operadores de adição para somar dois argumentos que caminham para uma mesma conclusão – o “e” e o “também”. Chamamos a atenção para a utilização de operadores argumentativos, muito recorrentes na oralidade, como forma de reforçar a tese que se pretende defender. Entretanto, na expressão escrita, esse recurso torna-se desnecessário, visto que o leitor poderá voltar às informações do texto em caso de

dúvida ou de esquecimento, por exemplo. O mais preocupante, nesse caso, é a falta de concisão das informações na argumentação escrita, que pode tornar o texto cansativo e desinteressante. Notam-se ainda, nesse trecho, problemas de pontuação. A justaposição das informações sem o uso devido do ponto final força ainda mais o uso de um operador argumentativo para estabelecer a devida conexão entre os argumentos.

Em segundo lugar, a maior dúvida dos alunos quanto ao emprego dos operadores argumentativos reside na inadequação de seu valor semântico com a orientação argumentativa a que se pretende chegar. Observe-se o trecho a seguir:

Vivemos em um país laico carregado de preconceitos religiosos. Vivemos um período democrático, mas de fraudes e corrupções sem fim. Somos todos parte de uma imensa miscigenação **e ao mesmo tempo** o racismo por exemplo, se faz presente presente forma determinante (AAB - grifo nosso)

Inicialmente, o aluno usa adequadamente o operador discursivo “mas”, dado que os enunciados “vivemos em um período democrático” e “de fraudes e corrupções em fim” têm orientações argumentativas opostas. No entanto, fez-se uso do operador “e ao mesmo tempo”, que indica temporalidade, simultaneidade, para relacionar as informações do enunciado “somos parte de uma imensa miscigenação” e “o racismo por exemplo se faz presente presente forma determinante”. Como as orientações argumentativas sinalizam conclusões contrárias, para facilitar o raciocínio do leitor, o correto seria o emprego de um operador de oposição concessivo, tal como “embora” ou “apesar de que” para contrapor as ideias. A fragilidade no emprego do operador discursivo também afeta a argumentação e enfraquece o peso argumentativo do enunciado.

Em outra produção, utilizou-se um operador argumentativo adversativo para sinalizar ideias conclusivas:

Contudo, para um grande, famoso e renomado artista plástico, Muniz mergulha no mais íntimo sentimento, amor por seu trabalho, sua arte e seu relacionamento com esses catadores de lixo, demonstrando a todos nós, o verdadeiro sentido de humanização, que no mais minucioso de prudência e bom senso se despe de qualquer preconceito e se veste de sabedoria e dignidade. (LSD - grifo nosso)

É ensinamento comum nos manuais didáticos que, para a conclusão de um texto argumentativo, o locutor deverá retomar a tese, apresentar uma síntese das ideias expostas e uma promover uma avaliação final do assunto consonante com a argumentação apresentada e com os efeitos que ele pretende alcançar no seu interlocutor. O aluno procura cumprir esse papel comunicativo do parágrafo de conclusão, porém o introduz por meio de um operador de oposição, cuja função é estabelecer a conexão entre enunciados com orientações argumentativas contrárias. As informações apresentadas, entretanto, não contrapunham os argumentos anteriormente relacionados no texto, o que fragiliza a argumentação e a torna incoerente. Isso exigirá maior boa vontade e cumplicidade do leitor em estabelecer o sentido esperado e aceitar a argumentação defendida.

De modo análogo à situação anterior, este trecho representa a conclusão de um texto:

Ademais, a abordagem, de um ponto de vista mais amplo, gera resultados positivos na temática social e ambiental, assim como faz o telespectador refletir a desigualdade social e condições lastimáveis e absurdas causadas pela urbanização (**IMDT - grifo nosso**).

Todavia, o locutor, em vez de concluir, usa um operador discursivo de adição, embora ele esteja retomando a tese e a ideia dos argumentos defendidos no texto e não apresenta nenhum argumento novo para que fosse necessário um operador discursivo de adição. A apresentação de um operador lógico-conclusivo seria desejável, visto que as informações que ele estaria introduzindo refletem uma avaliação em relação a argumentos explorados anteriormente no texto.

Ainda se constataram na pesquisa porções de informação que não apresentam nenhum operador argumentativo, quando a presença do mesmo seria importante:

Assisti recentemente um documentário do artista plástico Vik Muniz e achei que deveria compartilhar sobre ele com vocês. O nome da obra é “Lixo Extraordinário” e a ideia principal no início é observar as vidas das pessoas que trabalhavam no aterro sanitário Jardim Gramacho, em Duque de Caxias - RJ, percebi que não era mais o foco do artista (**DT**).

Nesse trecho, pode-se observar a presença do conector aditivo “e”, porém, nas duas vezes em que isso ocorre, ele está sendo utilizado para ligar sequências

que não são argumentativas, e sim narrativas. No entanto, o aluno opta por não usar um operador de oposição quando é inserido um enunciado com orientação argumentativa que contrasta com o que estava sendo dito até então: “percebi que não era mais o foco do artista”. Vale salientar que a interrupção abrupta de um raciocínio sem a devida sinalização para o leitor prejudica a construção da coerência. O operador argumentativo sinalizaria a relação lógica-semântica presente e favoreceria a adesão à argumentação.

Também se observa, em um único enunciado, o uso exaustivo de um operador para reunir argumentos com valor semântico semelhante, conforme elucida o excerto a seguir:

Ele, através do lixo (algo que para muitos só serve para ser descartado por ser considerado inútil e que já não tem mais nenhuma utilidade) pode juntamente com os catadores e toda sua equipe, o transformar em obra de arte, fazendo uma transformação social de alto nível e de inimagináveis dimensões, e que trouxeram para o aterro sanitário e as pessoas que nele vivem, um destaque e pode focalizar os tantos problemas nele existentes (desde a dificuldade de acesso até a falta de saneamento básico) - e o tanto que as pessoas sofrem por tais coisas; problemas pelo qual o governo gestor veda os olhos e se deixam passar despercebidos, só se preocupando com os votos que pode ganhar naquela “comunidade lixão”, demonstrando assim também, a extrema necessidade de um voto consciente em candidatos mais qualificados - e que darão melhor conta do cargo e das necessidades em geral da população - a nós concedidos (MFAS - grifos nossos).

Essa passagem ilustra a repetição do operador argumentativo de adição “e”, o qual, segundo os dados já demonstrados, é o mais presente nas produções. Há, nessa sequência, uma homogeneidade de sequências argumentativas interconectadas com o operador “e”, que aponta para uma mesma orientação de adição. Observa-se a forte tendência de transferir para a escrita hábitos comuns nos textos orais, como é o caso do uso desse conector. O enunciado muito longo não só provocou problemas relacionados à clareza das ideias, como também prejudicou a construção da argumentação.

Dessa maneira, chamamos à atenção para o papel fundamental dos operadores argumentativos e o seu correto uso para a argumentação escrita. Tal recurso é imprescindível, uma vez que é responsável pelo peso argumentativo dos enunciados, além de explicitar qual o percurso argumentativo e o posicionamento do

sujeito. Ademais, é lícito trazer à baila a sua importância para a situação de argumentação escrita, que nem sempre acontece em tempo real e com a participação simultânea dos sujeitos envolvidos. O adequado uso dos operadores torna explícitas as operações lógico-semânticas que se pretende realizar e favorece a construção da argumentação no texto, bem como a adesão do auditório.

Considerações finais

O presente artigo pretendeu discutir sobre o modo de organização do discurso argumentativo, bem como o uso e a frequência dos operadores argumentativos em produções textuais de alunos do primeiro ano do ensino médio integrado. Nos pressupostos teóricos, primeiramente refletimos sobre os aspectos funcionalistas da língua, bem como o modo de organização do discurso argumentativo e seu lugar de destaque na linguagem. Em seguida, buscamos estabelecer a relação entre tal assunto e a eficiência dos operadores argumentativos para a construção da argumentação.

A abordagem prática consistiu na apresentação de um levantamento quantitativo dos operadores argumentativos que sinalizam valores semânticos de causa-explicação, oposição, adição e conclusão, seguido de uma análise qualitativa do uso desses recursos pelos alunos, de forma a tomar ciência dos conhecimentos prévios que eles possuem acerca desse assunto. Acreditamos ter sido alcançado o objetivo geral deste projeto, que foi o de catalogar os diferentes operadores argumentativos materializados na superfície dos textos produzidos e as relações semânticas sinalizadas, de modo a verificar a pertinência de seu uso e de sua carga argumentativa.

Destacamos a importância deste estudo, tomando como base as observações de Neves (2000, p.13) acerca do que seja a gramática de usos do português: “[...] ela parte dos próprios itens lexicais e gramaticais da língua e, explicitando o seu uso em textos reais, vai compondo a ‘gramática’ desses itens, isto é, vai mostrando as regras que regem o seu funcionamento em todos os níveis, desde o sintagma até o texto”. É preciso compreender, juntamente com a autora que o mais importante, no ensino de língua, é a sua aplicabilidade, e não o exercício da metalinguagem, ou seja, o ensino de regras e descrições linguísticas fora de seu contexto de uso. A gramática de usos

será essencial para que se compreenda, entre outros aspectos, a importância dos elementos linguístico-discursivos para a construção da argumentação no texto.

A pesquisa possibilitou compreender que os operadores argumentativos mais apresentados nas produções textuais escritas dos alunos são os comumente utilizados nas manifestações orais e que a inadequação do uso dos operadores nos textos contribuiu para fragilizar a construção da argumentação. Além disso, foi possível identificar com maior clareza quais competências os alunos já dominavam e quais ainda precisam dominar, para alcance de melhor desempenho na organização de textos argumentativos. Somado a isso, a pesquisa favoreceu maior compreensão dos conhecimentos prévios dos alunos acerca da argumentação e uso de operadores argumentativos, o que viabiliza a construção de propostas de intervenção para uma aprendizagem mais significativa.

A pesquisa contribuiu também para que se compreenda a importância do texto como objeto de estudo das questões gramaticais. Se queremos que nossos alunos compreendam o funcionamento linguístico-discursivo do texto e desenvolvam produções textuais mais eficientes, devemos ter como ponto de partida aquilo que é o nosso objeto de estudo: o texto – e, no nosso caso específico, a própria produção textual dos alunos. É essa produção que vai direcionar a nossa prática em busca da sistematização dos conhecimentos.

Referências

- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- DIK, S. **The Theory of Functional Grammar**. Parte 1: The Structure of the Clause. Dordrecht: Foris Publications – Holland/Providence RI –USA, 1989
- DUCROT, O. **Princípios de semântica linguística: dizer e não dizer**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- EMEDIATO, W. **A fórmula do texto**. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- NEVES, M. H. M. A gramática de usos é uma gramática funcional. **Alfa**, São Paulo, 41(n. esp.), 15-24, 1997.
- _____. **A gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido em 09 de março de 2020
Aprovado em 15 de abril de 2020

